



O funcionamento Pulsional e a Toxicomania

ROSANE TRAPAGA - PSICANALISTA

Não há sociedade que não tenha criado seus mecanismos de escapes da realidade cotidiana

É impossível enfrentar a realidade o tempo todo, sem nenhum mecanismo de fuga.

Sigmund Freud

Ele nomeia os estados de embriaguez:

A fantasia: Embarca tanto nela que perde a noção de realidade

Vícios em geral: jogos, compras, relacionamentos e drogas

Tentativa de melhorar a vida.

Tentando modificar o nosso jeito de estar no mundo para dar conta da realidade.

Por que a vida se tornou intolerável a ponto de precisar de um “aditivo” para suportar a vida.

Ou os psicóticos que partem de uma vez para o mundo da fantasia.

Ou os alcoólatras, ou os toxicômanos...

Porque o escapismo eventual se tornou um vício.

É preciso ir a fundo no que é a fonte da paixão pela droga.

Podemos pensar no uso contínuo de drogas como uma espécie de paixão.

Para a Psicanálise, não existe o toxicômano como um tipo clínico, num modelo de são todos iguais.

Para a psicanálise cada toxicômano é um, e cada um se vicia por razões e caminhos singulares.

A toxicomania não é só doença, é sintoma.

E sintoma que pode estar resolvendo problemáticas diferentes para cada um.

Tem uma psicanalista que usa a expressão grega da droga como Farmacom que é a expressão que designa o remédio que ao mesmo que é remédio e se você aumentar a dose ele é um veneno.

Remédio pode se tornar veneno, como arsênico por exemplo: Em uma dose pequena é curativo, se você aumenta a dose ele é letal.

A droga como tóxico é como se o sujeito ficasse transitando nessa linha até o limite em que o Phármakon remédio. Remédio no sentido de aliviar sua angústia, sua ansiedade, sua dor de viver, sua dificuldade de enfrentar socialmente os outros.

Testes de resistências que o dependente faz da sua onipotência imaginária.

Ele vai testando até o ponto em que esse remédio pode se tornar veneno.

Um sujeito que se acha invulnerável e esse sentimento de nada vai me destruir, produz em contrapartida uma espécie de namoro com a morte.

Se eu me sinto invulnerável, me acho tão perfeito, tão maravilhoso.

Em psicanálise diria: “não tem castração comigo”, “não tem falta”.

Para me livrar desse estado de vida congelada.

Vida que não tem vida, não tem marca de falta, de sofrimento.

Eu pulo para outro extremo e vou namorar com a morte.

Eu vou ver até onde eu aguento.

Vou ver se esse é capaz de me vencer ou eu ganho dela.

Dentro do Phármakon a droga pode começar como remédio e terminar como algo mortífero, tóxico.

Um dos efeitos desse remédio é que no momento em que o indivíduo está se drogando.

No exato momento, é como se fosse o momento em que ele consegue abolir no encontro com esse objeto, que é um objeto perfeito para o seu gozo.

Entre ele e a droga não vai faltar mais nada.

Nesse momento ele não precisa falar e nem pensar. Fica em suspenso, desaparece nesse momento.

Não necessariamente a droga é social.

Mesmo quando ela é compartilhada por um grupo, cada um está na sua experiência.

Sujeito para psicanálise é alguém que é desejante, que está envolvido com seu desejo, com o seu inconsciente, um ser humano dividido, em conflito e que desconhece uma dimensão de si mesmo, que precisa pensar, simbolizar e que precisa dos outros.

Na drogadição, momentaneamente o sujeito desaparece.

Deixando uma espécie de corpo que funciona. Que acolhe a droga, que produz efeitos físicos apaziguadores, mesmo que esses efeitos sejam excitantes, eles são apaziguadores daquilo que é afinal de contas a dor de viver.

Cada um de nós precisa arcar na vida consigo mesmo, com suas questões, suas insuficiências, com seus desejos.

A completude

Na hora do encontro com a droga é como se isso ficasse tranquilo (suas questões, insuficiências, desejos)

Efeito de completude. Nesse momento eu estou pleno.

Nesse momento as minhas questões subjetivas são apagada pelo objeto droga.

Quase como se eu ficasse igual a droga.

Me transformo no efeito desse objeto que entrou no meu corpo.

Nesse sentido eu viro um corpo organismo, um corpo em funcionamento, sem subjetividade.

A completude

Esse efeito é momentâneo porque não existe vida sem sujeito.

A angústia volta, às vezes volta redobrada dependendo da droga que se usa.

O sentimento de falta volta também.

E é por aí que começa o mecanismo do vício em si.

Mais droga para produzir de novo esse apagamento e de novo e de novo...

Essa tranquilidade.

Quanto maior a angústia do “depois”, mais imperativa a necessidade de voltar à droga.

A descontinuidade

O um outro efeito importante, desaparece a descontinuidade entre a pessoa que está se drogando e o grande outro.

Grande outro: compreendido como qualquer entidade imaginária que é protetora, asseguradora, poderosa.

O grande outro na psicanálise tem na mãe da primeira infância o melhor exemplo.

Ninguém é mais poderoso na vida de uma pessoa do que foi algum dia a mãe para o bebê.

Pessoa que acolhe, cuida, ampara, ama, mais ou menos sabe tudo o que o bebê quer, mais ou menos seria capaz de fornecer tudo o que ela precisa para aplacar sua fome, a sede, o frio, o desamparo,

Essa figura protetora, poderosa, do ponto de vista do desamparo da criança, da incapacidade dela se satisfazer, é poderosíssima. A mãe é poderosíssima.

Para o resto da vida ela não vai encontrar alguém tão poderoso.

Essa é a figura metafórica que a gente vai chamar depois de Grande Outro.

Depois que a criança se separou da mãe, já está vivendo sua vida mais independente e depois que nos tornamos adultos, mentalmente a gente recorre muito a uma fantasia de que alguém vai cuidar da gente. Alguém vai nos dizer o caminho certo, para alguns esse alguém é Deus, para outros pode ser uma figura de autoridade: um professor, um mestre. Para outros pode ser o próprio ser amado em uma relação de amor e para outros quando a vida fica mais difícil, vão descobrir que não tem ninguém. Não tem ninguém que está cuidando da gente, sabendo nossa verdade, nos dizendo qual é o caminho, nos orientando, não tem!

É disso que Freud fala quando diz: É difícil enfrentar a vida sem algum tipo de fuga.

Acreditar num outro que vela por nós, já é uma espécie de escapismo.

A dura realidade que no limite é um pouco cada um por si.

Cada um vai errar por si, cada um que cuide de si, cada um que tente entender o que quer.

Não tem ninguém para dizer: Há eu sei o que você quer e eu vou te dar o que você quer, eu vou resolver o enigma do seu desejo. Isso para o humano não existe,

Mas a gente inventa um monte de figuras, para achar que isso existe.

Um efeito da droga é momentaneamente é fazer desaparecer isso que me separa dessa figura imaginária poderosa que cuidaria de mim.

É quase voltar a ser um bebê no colinho da mãe.

Desaparece a descontinuidade entre o sujeito e esse Grande Outro.

Pode também acontecer o contrário: alguns vivem na relação com uma mãe que materializou essa figura imaginária tão poderosa, tão sufocante, que o sujeito se droga para se estragar, se inviabilizar e fugir, dessa relação perfeita que ele imagina que se instalou na sua vida e que ele não tem liberdade para se tornar uma sujeito separado.

Algumas relações mãe e filho vão produzir esse efeito.

Não só a relação mãe e filho, mas ela é ideal para produzir esse tipo de efeito.

Aqui já começamos a demonstrar a hipótese psicanalítica de que não existe uma razão comum para a pessoa se drogar, por outro lado estou dizendo: tem uns que se drogam para procurar amparo, como se a droga junto do corpo deixasse aquele sujeito pleno e perfeito.

Desaparece a descontinuidade, ele está completo.

E para outros é o contrário: A droga é para se detonar, se afastar dessa sensação de perfeição, de completude que o sufoca,

O analista está sempre recebendo um sujeito e não um adicto, um drogado.

Mesmo que a pessoa se apresente como eu sou um dependente químico, porque é mais fácil para ele se ver assim, como uma categoria. Não sou uma pessoa singular, com a minha história, com meus problemas e meus conflitos, eu sou um dependente químico.

A droga se apresenta na frente dele, como se tentasse apagar a subjetividade dele, como se tivesse um crachá que o identifica: quem ele é, um drogado e por isso não precisa mais se preocupar, agora o analista que cuide disso, o mundo que dê conta da minha “doença”.

Ele é um drogado, um dependente químico. Ele não tem que falar por ele mesmo, se responsabilizar por ele mesmo. A droga fez dele isso que ele é. Essa é uma posição bastante infantil.

Droga: satisfação imediata

Do prazer vem a dependência

Tem algo aqui que me explica e eu não preciso tentar me entender.

Quando a pessoa chega na análise com esse discurso, é preciso trazer o sujeito à cena.

Fala sobre você, a droga não me diz nada aqui,

É um longo caminho para que ele deixe de acreditar que a droga resolve sua subjetividade, mesmo que do pior jeito, para que ele perceba que é a sua fala, a sua palavra, suas indagações que vão produzir alguma coisa nesse trabalho.

O que tem em comum em todas as toxicomanias

No lugar do desejo que é o objeto simbólico.

Para Psicanálise não existe um objeto do desejo, que você encontra e acabou.

Pelo contrário, para Psicanálise o desejar contínuo que é o que move a vida humana, a vida criativa, a vida social, a vida de trabalho é que vai criando objetos simbólicos e não é nenhuma coisa palpável para representar o desejo.

Não para satisfazer e acabou.

No caso da droga, no lugar desse objeto simbólico do desejo, que é um lugar vazio e que você vai preenchendo ao longo da vida, vai se instaurar a satisfação.

A droga como objeto de satisfação e não como desejo.

Como se fosse uma satisfação de necessidade.

Tanto que o percurso do vício, de qualquer vício, cigarro, álcool é do prazer à necessidade.

A droga como objeto de necessidade.

Primeiro porque é agradável, prazeroso produz algumas sensações, algumas experiências e aquilo vai se fixando como um objeto que é o único objeto que pode me satisfazer, que me dá uma satisfação única e aí já não é mais um objeto eu disponho como sujeito: hoje eu quero, amanhã não quero. Hoje é melhor não porque eu vou trabalhar. Hoje é sábado vou fumar um baseadinho. Vai deixando de ser esse objeto de prazer que eu poderia dispor para se tornar um objeto de necessidade: eu dependo disso.

E preciso disso, sem isso eu não me aguento.

Então aí vira uma escravidão.

Esse objeto de necessidade em que eu sou o escravo.

É o objeto que me tem, não eu que tenho esse objeto.

Objetos de necessidade são imperativos, por isso que há também uma relação entre a droga e a violência.

Porque no momento em que aquela falta se torna insuportável e que ter aquele objeto se torna imperativo, o sujeito é capaz de brigar, bater, eventualmente matar.

Porque ele está dominado pela necessidade do objeto.

A necessidade de ter.

Ninguém mata por um objeto de prazer, mas sim por um objeto de necessidade.

Um objeto de prazer a gente pode inclusive substituir: não tem cerveja, tomo vinho, não tem vinho, fico sem nada. Amanhã eu vou tomar, vou namorar, enfim.

Objeto de prazer agente tem uma série pela vida.

Se no lugar do objeto de desejo tem um objeto de necessidade com o qual eu tenho uma relação totalitária. Ela me completa.

Recomendo a leitura do livro Junkie de William Burroughs que foi um escritor americano (1914 a 1997) que se drogou com Heroína que é uma experiência que no Brasil a gente conhece muito pouco. Eu tive um paciente que quando vivia na Europa se drogava com Heroína, uma droga muito cara, aqui.

O Burroughs nesse livro ele conta a sua experiência com a heroína, ele se drogou praticamente a vida inteira e ele intercalava períodos de vício com períodos em que ele se internava e desintoxicava, depois retornava. O que é interessante é que ele conta que não se lembra justamente do barato da heroína, aí tem o apagamento do sujeito.

A narrativa dele é muito interessante porque ele conta como é a falta da droga, o sofrimento inclusive celular, porque a heroína é uma droga que substitui algum elemento celular que eu não entendo muito bem, esse é um assunto da área médica. Mas vamos em frente. Então o que se depreende da leitura é que as células doem, o interior das células do corpo doem depois de algum tempo com a falta da heroína.

Porque ela substitui alguma coisa que é necessária para a vida da célula. Então na desintoxicação o sujeito tem que passar quase que por uma renovação de muitas células do corpo que morrem com a falta da droga, tem que tomar alguns remédios para suprir isso.

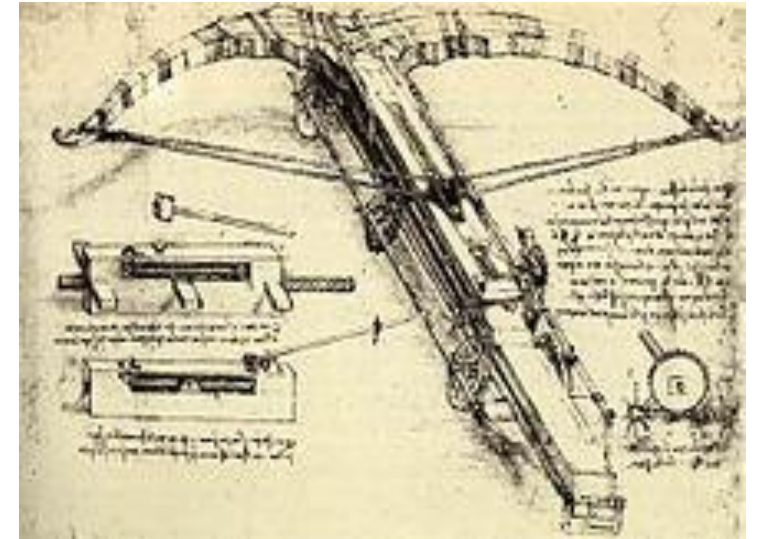
Então nesse livro do Burroughs, Junkie, que quer dizer exatamente drogado, na gíria norte americana ele conta: da falta da droga, ele conta de todos os recursos para obter a droga: ele roubava, matou a própria mulher num jogo perigoso de Guilherme Tell, imagina como estava essa pessoa, onde estava a cabeça dele.

Guilherme Tell foi um herói lendário do início do século XIV, de disputada autenticidade histórica, que se pensa ter vivido na Suíça.

Guilherme era conhecido como um especialista no manejo da besta uma arma com arco de flechas, adaptado a uma das extremidades de uma haste e acionado por um gatilho que projeta dardos similares a flechas, porém mais curtos.

Na época, os imperadores Habsburgos lutavam pelos domínios de Uri e, para testar a lealdade do povo aos imperadores, Hermann Gessler, um governador austríaco tirano, pendurou num poste um chapéu com as cores da Áustria, numa praça de Altdorf.

Todos que por lá passassem teriam de fazer uma saudação respeitosa como prova do seu respeito.



O chapéu era guardado por soldados que se certificariam que as ordens do governador fossem cumpridas.

Um dia, Guilherme e seu filho passaram pela praça e não saudaram o chapéu. Prenderam-no imediatamente e levaram-no à presença do governador que, reconhecendo-o, o fez, como castigo, disparar o arco e flecha a uma maçã na cabeça do filho. Tell tentou demover Gessler, sem sucesso; o governador ameaçaria ainda matar ambos, caso não o fizesse.

Tell foi assim trazido para a praça de Altdorf, escoltado por Gessler e os seus soldados.

Era o dia 18 de Novembro de 1307 e a população amontoava-se na expectativa de assistir ao castigo (e, sobretudo, ao seu culminar). O filho de Guilherme foi atado a uma árvore, e a maçã foi colocada na sua cabeça. Contaram-se 50 passos. Tell carregou a besta (a arma), fez pontaria calmamente e disparou.

A seta atravessou a maçã sem tocar no rapaz, o que levaria a população a aplaudir os dotes do corajoso arqueiro.

Bem, dito isso. Vamos retornar ao livro Junkie onde autor conta a falta da droga, tudo o que podia fazer para conseguir a droga: roubar, se prostituir, pedir dinheiro emprestado, o momento de alívio de estar com a droga na mão, mas ele não relata em nenhum momento como ele se sentia quando estava drogado. Porque esse momento ele não tem nenhum registro. No caso da heroína que é uma droga fortíssima é como se esse fosse justamente o momento do apagamento do sujeito.

Não tinha mais um sujeito. Tinha um sujeito até um minuto antes e tinha um sujeito a partir de que o efeito da droga termina. Tudo isso ele pode narrar. O momento em que ele encontra a droga é um momento em que ele não existe no mundo como sujeito.

Ele está vivo, não é que ele não existe. Mas ele não existe como sujeito.

Como alguém que é responsável pela sua vida.

É como tudo que se passasse, fosse em um outro lugar que não na sua subjetividade, tanto que depois ele não poderia retornar a isso, evocar isso na memória.

Então quando o sujeito diz eu sou um drogado, um dependente químico e pensa que com isso ele está resolvido e você vai cuidar desse assunto, o que está se apagando?

Nessa afirmação: “Eu sou um dependente químico” qual a pergunta que não aparece?

É exatamente a pergunta: “Quem sou eu?”

De fato uma pessoa que via se viciando desde muito cedo e isso se instala na sua vida como um modo de vida, de fato ele não consegue responder essa pergunta quem sou eu.

Ele é um corpo em abstinência na procura do objeto que vai resolver o problema da abstinência, isso não resolve uma questão do ser, de quem sou eu.

A outra pergunta é: O que é que me falta?

O que é que me falta que eu preciso estar grudado o tempo todo nesse objeto que me completa.

É claro que é preciso entender que o que lhe falta não é a droga. O que lhe falta é algo que falta a todo ser humano. Todo ser humano perdeu sua completude praticamente ao nascer. Somos todos “faltantes” de alguma coisa.

Só que nessa necessidade da droga. Necessidade imperativa da droga, o sujeito perdeu a via de acesso ao seu desejo.

Quer dizer: ele não sabe fazer nada com seu desejo.

Nós todos fazemos muitas coisas com nossos desejos, embora a gente não saiba exatamente que desejos são os nossos, eles são inconscientes. Mas nós fazemos muitas coisas.

Nós criamos coisas, nós conversamos, nós buscamos nossos pares, nosso prazer, nos angustiamos também, enfrentamos nossos conflitos.

É como se a droga interditasse essa via de acesso ao desejo.

A dor de viver

As drogas cumprem a função de evitar a dor de viver.

A vida é breve, nada é muito fácil, a gente pode perder tudo e todos que a gente ama.

Viver é muito bom, mas também dói.

A cultura contemporânea

É uma cultura que acredita ser possível viver sem nenhuma dor.

E que a boa vida é feita só de prazer.

Só de conquistas e realizações, de sucessos. Sucesso aliás uma palavra muito usada.

Nossa cultura não produz modos de sofrer.

O que é isso? Por exemplo: o cristianismo durante séculos produziu um modo de sofrer. Para quem é católico, ou pratica alguma religião do ramo judaico cristão deve saber que a gente aceita o sofrimento na religião cristã porque a gente acredita que Deus tem suas razões para nos dar aquele sofrimento, se enfrentar o sofrimento com resignação a gente vai ser feliz na vida eterna.

Esse é um modo de sofrer.

O sentido do sofrimento

Eu entendo que se você tem uma religião, o sofrimento é compartilhado e ganha um sentido.

A própria cultura religiosa te ajuda a sofrer.

Você não se sente um ser bizarro, um louco, um fracassado, porque você está sofrendo.

A religião te diz: sofrer é normal.

Deus quer te por a prova. Pronto!

Isso já é um certo conforto para quem está sofrendo. Você não deixa de sofrer, mas o sofrimento faz sentido.

Outros exemplos:

A corrente do romantismo, uma corrente de pensamento, estética que vem lá do final do século XVIII. Na segunda metade do século XVIII na Europa e fica muito forte no século XIX.

Não é beijo de novela, não. Romantismo no sentido de entender a vida como a nossa perda em relação a natureza, da nossa separação da natureza, a nossa ânsia de voltar a encontrar uma espécie de comunhão com o todo e a nossa impossibilidade de encontrar essa comunhão com o todo.

O romantismo produz um modo de sofrer e valoriza o sofrimento, Ele se torna fonte de inspiração poética, se torna sinal de sensibilidade.

São modos de sofrer aceitos pela cultura que proporcionam ao sofrimento algum valor.

Cultura atual

Na nossa cultura que é muito individualista e muito hedonista, é uma cultura dos prazeres.

O sofrimento nos deixa numa solidão absoluta. Cada um está sozinho em seu sofrimento e vive com vergonha de dizer ao outro que sofre.

Porque sofrer é coisa para otário. Esperto não sofre.

Então, o desamparo aumenta.

No nosso mundo capitalista, na sociedade capitalista de consumo que vivemos hoje que não é a mesma do século XIX que era de produção. No século XIX para o começo do XX também a sociedade era capitalista, mas o grande imperativo era você tem que renunciar o prazer, se sacrificar e produzir muito.

Da produção ao consumo

Trabalhar muito, se esforçar muito.

Essa era a ética protestante que regia o começo do capitalismo que produziu um tipo de sujeito.

Freud estudou esses sujeitos.

Sujeitos entre aspas “reprimido”, que acreditava que deveria abrir mão de todos seus prazeres e se disciplinar e trabalhar.

Quando o eixo da economia passa da produção para o consumo que é a nossa sociedade de hoje.

O imperativo é completamente diferente, não é mais você se sacrificar, renunciar seus prazeres, se esforçar, adiar infinitamente a recompensa, ela só virá quando estiver bem velho e acumulado muito dinheiro.

Hoje, ao contrário o imperativo é consuma, você merece, você tem direito.

Claro que isso é uma frase quase vazia.

Porque na nossa vida, não temos essa experiência de que temos direito ao prazer, basta estalar os dedos e ele aparecerá.

Mesmo os imperativos de consumo que se dirigem a todos, mas não são acessíveis a alguns e, aí entra a droga.

A droga substitui tudo o que a pessoa não pode ter nessa sociedade de consumo.

Que todo dia ele vê anunciado o que ele deveria ter e não tem.

O mestre que diz ao sujeito: consuma, goze.

Viva no prazer o tempo todo. Ultrapasse seus limites.

Esse mestre também pode ser a ciência, os fármacos, o médico, o psiquiatra que oferece a droga legal para também apaziguar as angústias. Na cultura do você não tem que se deprimir porque alguém que você ama muito morreu, toma prozac, volta pra festa. Você não te que ficar longe da festa tanto tempo, quando na verdade o luto não é uma depressão patológica. O luto é um período normal que a gente sofre até superar uma perda, ou de alguém que morreu ou de alguém que nos abandonou. As vezes um filho que sai de casa e vai morar longe. Tem um luto aí.

O tempo da gente sofrer essa perda, elaborar e lidar com ela, com esse vazio que fica.

O que a medicina contemporânea diz: Droga pra você. É fácil e tem uma variedade enorme.

Da droga psicofarmacológica para a droga ilegal o caminho está aberto,

A ideia de que bem estar é você estar livre da subjetividade. O que configura-se uma falsa ideia.

A psicanálise trabalha com o oposto disso, é um lugar onde você vai se embrenhar na sua subjetividade, até você estar mais ou menos centrado nela.

É um caminho desafiador para o sujeito contemporâneo em especial o dependente químico, porque se eu posso me livrar disso, automatizar minhas respostas, anestésias.

Então, o início de uma análise com um dependente químico não é nada fácil, Você parte da ausência – presença na sua própria vida para uma subjetividade, para uma autoria.

O mundo do sem limites

Como é ser adolescente hoje em dia.

Na faixa de mercado e potencial de consumo crianças e adolescentes estão no topo da lista

É preciso adquirir aptidões (inglês, teatro, dança, vídeo game, escola)

As crianças contemporâneas tem pouca vida interior, pouco tempo de ócio, pouco tempo de fantasia, que é o que faz a vida ficar boa, mesmo se experimentar droga você tem o que fazer com aquilo, porque tem uma riqueza interior. A criança de hoje ela vai de uma aula para outra de um curso para o outro e quando não está fazendo nada ela está diante do vídeo game e da televisão.

O espaço da fantasia, o espaço do brincar, o espaço de fazer nada, de estar com os amigos exercitando a livre interação.

A droga em relação aos adolescentes

São as maiores vítimas desse imperativo de gozo.

Que está na cultura toda.

A publicidade é o porta voz mais importante desse imperativo de prazer, felicidade absoluta, de gozo sem limite, A figura privilegiada que representa no imaginário da publicidade essa possibilidade de gozo é o jovem e o adolescente.

Ele é o eleito para gozar.

O adolescente no imaginário da publicidade e nas telenovelas, ele é aquele que chegou no potencial da vida adulta, ele tem maturidade sexual, autonomia do seu ir e vir, já é mercado de consumo diferenciado. Mas ao mesmo tempo ele não tem a responsabilidade da vida adulta.

Na próxima aula vamos busca compreender melhor o caráter da repetição na toxicomania.

As sofridas reincidências que testemunham a dominância da pulsão de morte e são as mais conhecidas queixas em relação à adição.

As “recaídas” trazem não só o julgamento moral em relação ao uso da droga; apontam a fragilidade do Eu em relação à força das pulsões e a dificuldade do sujeito em lidar com a vida no registro do desejo e de suas inerentes frustrações.